



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA
BELÉM-PA | ANO 2 | N.2 | JAN-JUN 2015

MEFISTOS E FAUSTOS SACÂNICOS: DISFARCES DE UMA ESCRITURA DAS BORDAS

Hiran de Moura Possas

Resumo

O texto, ou melhor, o metatexto examina as fricções culturais e intersemióticas em algumas experimentações do artista Antonio Juraci Siqueira, poeta paraense com mais de oitenta títulos publicados. A delimitação do corpus compreende o espaço das conjunções e disjunções culturais na obra “Os Novos Versos Sacânicos”, lugar de corpúsculos multiculturais substituindo as representações assépticas e geometrízáveis comumente destinadas às Amazônias. Percorrendo durante alguns anos essa via transitada por tantos pesquisadores sobre as operações transmissíveis da oralidade, espera-se trazer para a cena acadêmica artistas de “alma artística errante”, murtas vieirianas, sempre indolentes e desautomatizadas a qualquer tipo de estabilidade imposta.

Palavras-chave: Amazônias; faustos; bordas; Antonio Juraci Siqueira.

Abstract

Mephistos and Fausts in “Os Novos Versos Sacânicos”: disguises of a “borderline” writing

This meta-text examines the cultural and semiotic frictions in some experimentations by Antonio Juraci Siqueira, a poet from Pará State, Brazil, who has published more than eighty books. Its corpus comprises the cultural conjunctions and disjunctions in the book “Os Novos Versos Sacânicos”, which embodies multicultural samples that replace the usual sterile and geometricable representations of the Amazonias. After some years following this path crossed by several researchers about the communicability of oral narratives, I expect to bring out to the academic scene artists with a “wandering artistic soul”, Vieirian myrtles, always indolent and non-automated towards any kind of stability imposed.

Keywords: Amazonias; Fausts; borderline writing; Antonio Juraci Siqueira.

*Because I, a mestiza,
Continually walk out of one culture
And into another,
Because I am in all cultures at the same time,
Alma entre dos mundos, tres, cuatro,
Me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteada por todas las voces que me hablan
Simultaneamente*

Glória Anzadúa

O tecido fáustico, um contínuo vai e vem da transmissão oral ao universo do livro (FERREIRA, 1995, p.24), ou “rede de outros textos contíguos, que vão passando por narrativas escritas e orais [...] se aproximam e se afastam” pode, a meu ver, dar contornos a essa significativa matriz virtual chamada de versos sacânicos, espaço de sucessivas oralidades, cunhada por Antonio Juraci Siqueira, o Juraboto, um *flâneur* devorador das bordas¹ nascido em Cajari, localidade do município de Afuá, no Estado do Pará.

Esses versos, durante as décadas de 1970, 1980 e 1990, receberam trato artístico de interferências individuais e coletivas, resultado de uma negociação dialogante não menos tensa com seus leitores. Escritura em aberto “em profusões de falas e vozes códigos híbridos, saltos e fricções semânticos.” (PINHEIRO, 2009, p.24).

Percebi, dialogando com os leitores de ontem e de hoje desses versos pícaros, certa simpatia com o mito prometeico da rebeldia pelas sacânicas elucidações de um discurso alegórico e carnavalizante, sem rigores sintáticos sobre as páginas brancas, colocando em suspensão certas falácias, como as recontadas sobre as Amazônias unas e puras.

Seus Versos Sacânicos receberiam louvores dos manés Baudelaire, Bocage, Emilio de Menezes e outros “malditos” do passado. Eu, que também fui excomungado [...] botei o livro debaixo do braço e saí mostrando aos amigos. Resultado: o livro desapareceu por uns dias, e mais tarde fiquei sabendo, na empresa que trabalho, que as donzelas pudibundas o haviam sequestrado e estavam a tirar cópias na máquina de xerox² (SIQUEIRA, 2012, p.82)

Esse reforço de domaço de culturas a serviço de representações maliciosas deixa de ser necessário quando um pícaro malandro, “metido a escrevedor”, compactua com a “tradição” da malícia popular, vivificada por imagens infinitas de boca em boca (FERREIRA, 1995).

¹Pensar pelas bordas, categoria analítica forjada pela pesquisadora Jerusa Pires Ferreira (2010), significa tentar excluir a ideia de centro ou de periferia. Seria uma faixa de transição delineada por aquilo chamado de folclore e de culturas institucionais.

²Depoimento do leitor Orlando Brito, de São Luís, Estado do Maranhão, transmitido por carta a Antonio Juraci Siqueira.

³Empresto a expressão junto à poética de Manuel Bandeira.

⁴Do tupi *para'wara* (de *para*=água, mar e *wara*=o que veio de, nascido de) que quer dizer: o que veio das águas, do mar (o rio-mar).

Há o que a pesquisadora Jerusa Pires Ferreira chama de percurso sem fim entre a ancestralidade e o futuro, poética dirigida do nascedouro aos novos rumos de criação. Os contracantos, ao colocarem sob risos a vida, não nasceram certamente com Antonio Juraci Siqueira, mas reabilitam a rebeldia, há muito sufocada pelos lirismos funcionários públicos³ dedicados às Amazônias.

Como os faustos continuam suas infinitas sagas provocando novas e sucessivas criações, percebo sua ancoragem no riso e na insolência dos versos sacânicos. Recupera-se Mefisto e sua demoníaca argúcia em diversos poemas do escritor “paraoara”⁴, demonstração inequívoca de que ridicularizar, desconsertar e desdobrar são construções de uma escritura-riso em intermitentes circularidades.

Assim como os faustos de Goethe operavam movimentos plagiotrópicos pela Bíblia, pelas obras de Shakespeare e pelos tratados alquimo-cabalísticos, os versos sacânicos também devoraram tesouros alheios, como “os versos satânicos de Salman Rushdie” e algumas cenas bíblicas, adotando aquilo que Haroldo de Campos chama de **Escritura Mefistofélica**, aquela que esquadrinha, escalpela-escarnece as fraquezas e veleidades humanas, sem poupar a si própria.

A corrosiva negatividade de Mefisto, bordando um painel mestiço dos/nos faustos de Goethe, é colocada em curso criativamente em um sem-número de versos pícaros, territórios da reinvenção. “Receita de Brasil Novo” é um espaço alegórico aproximando “putas”, políticos e militares “palpitando” sobre a política nacional:

*“Ano Novo, vida nova”,
diz um ditado imbecil.
Para não perder o mote,
numa atitude infantil,
fiz uma enquete suspeita
a fim de achar a receita
para salvar o Brasil.
Perguntei a um general
e ele respondeu, possesso,
que depois da ditadura
houve um grande retrocesso
e afirmou, solenemente:
“– O Brasil só vai pra frente
quando fechar o Congresso!”
Um político safado,
num discurso incosequente,
esmurrando o próprio peito
esbravejou: “– Minha gente,*

*eu vos posso assegurar
que o Brasil só vai mudar
quando eu for o presidente!"
Me disse um trabalhador
do setor rodoviário
que liderava uma greve
para aumento de salário:
"– O Brasil só terá jeito
no dia em que for eleito
um presidente operário!"
Enquanto um louco pregava
a volta da Imperatriz,
chega o líder de uma seita
com seu palpite infeliz:
"– Da treva há de vir a luz
quando, em nome de Jesus,
eu governar o país!"
Por não ter osso na língua
nem fecho-ecler na braguilha,
responde dona Cotinha
sem tirar o pé da trilha:
"– O Brasil só ganha a luta
quando tiver uma puta
dando as ordens em Brasília!"
Entrei numa feira-livre
e a voz do povo anotei:
"– Meu voto é do Silvio Santos!"
"– Eu quero a volta do rei!"
"– O remédio é a ditadura
com repressão e censura!"
"– Eu prefiro o Zé Sarney!"
Vendo esse povo apertado
qual pinto dentro do ovo
promovendo bota-fora
na chegada do Ano Novo,
eu encontrei a resposta:
– O Brasil só sai da bosta
no dia que trocar de povo! (SIQUEIRA, 2012, p. 9-10)*

A Dessacralização de crenças e de convicções, inclusive culturais, está presente no linguajar mefistofélico de Antonio Juraci Siqueira, principalmente quando personagens bíblicos como Barrabás, Jeremias e Salomão se deixam acompanhar pelo andarilho-anão, Manduka, aquele empreendendo uma viagem épica pelo mundo, "filosofando" talvez com Roberto DaMatta (1997) a respeito de um Brasil "torto pra ser direito e que o seu direito é ser torto". (SIQUEIRA, 2012, p.79).

Percebendo e transitando por territórios de multiconvivências habitados de vários personagens, tempos e espaços, como o reino da “enrabação”, Manduka ou até mesmo Juraci, Macunaíma das Amazônias, nas experiências casuais, peregrina pelos conflitos escatológicos do bem que pode ser mal e do mal sendo bem, recompostos pela medida do homem:

*A Deus imploro clemência,
ao leitor rogo atenção
para contar essa história
encontrada no portão
de uma cigana maluca:
“As andanças de Manduka
no reino da enrabação”
No ano mil e uns trocados,
Manduka foi exilado
por ordem de Barrabás
porque falava demais
e não ficava quieto
pois era agente secreto
de Nabucodonosor,
um temido ditador
lá da puta que o pariu
que, por isso, decidiu
fazer guerra ao mundo inteiro.
Veio gente do estrangeiro:
das Malvinas, das Bermudas,
veio Sansão, veio Judas,
veio Thiago, o poeta
e Jeremias, o profeta,
montado numa espingarda
pra cobrir a retaguarda
do poeta brigador
que montou num beija-flor
e seguiu pra Pindaíba
onde viu uma guariba
enrabando uma parteira
nas barbas do Zé Limeira,
o poeta do absurdo,
que além de cego era surdo
mas via e escutava bem.
Manduka veio a Belém
prestar contas ao vigário,
dando a ele o seu salário
e cem pai-nossos por dia.
Mas o que ninguém sabia
é que Manduka era um vate
de igual ou maior quilate
das jóias de Salomão.*

*Um dia, coçando o culhão,
teve um lampejo de ouro
e disse: "Alma sem besouro
não escuta zum-zum-zum!"
Nesse momento incomum
um pensamento emergiu
e ele sacou que o Brasil
do anzol carrega o conceito:
é torto pra ser direito
que o seu direito é ser torto.
Foi tão grande o seu conforto
que nunca mais foi o mesmo
e saiu andando a esmo
pelas trilhas do sertão.
Por causa de uma questão
com o Valete de Paus
mudou-se para Manaus
navegando num balaio.
Lá encontrou um papagaio
que cantava a Marselhesa,
tempo em que Dona Tereza,
rainha da Dinamarca,
mandou fazer uma barca
para carregar muamba
que trocava por líamba
nas barbas do próprio rei.
Porém, tudo o que falei,
se é verdade eu não garanto,
porque Dom Fernando Canto,
um juiz de cara feia,
jurou botar na cadeia
quem espalhar tal boato.
Só sei dizer que esse fato
gerou grande arranca-rabo,
um bafafá do diabo
que nunca mais teve fim.
E antes que ocorra a mim
o mesmo que aconteceu
ao poeta Zebedeu
que apodreceu na masmorra,
eu mando todos à porra
e, pra sempre, viva eu! (SIQUEIRA, 2012, p.78)*

Pelas encruzilhadas da vida, em meio aos seus descompromissos libertinos, as ciências viram objeto de derrisão para Juraci, inclusive quando epistememes "lunáticas" decidem determinar "o fim dos dias". Em "o fim do mundo", um leitor (ou novamente Juraci travestido de outro disfarce) "desescreve" as "profecias de Nostradamus" para o apocalipse,

zombando de Deus, do trabalho, do patrão, mandando-os à “casa do carvalho”.

*Numa sexta feira 13
De um mês de agosto passado
Um leitor de Nostradamus acordou muito exaltado
Achando que, finalmente,
Este mundo decadente
Teria o fim esperado.
Resolveu então fazer
Tudo que tinha vontade:
Zombar de deus e do mundo
Da falsa sociedade,
Mandar patrão e trabalho
Para a casa do carvalho
E cagar pra humanidade... (SIQUEIRA, 2012, p.74)*

Desperto de sua embriaguez, o astucioso “Manduka” reconhece suas/nossas limitações tradutórias sobre os textos do profeta-alquimista francês, experimentações, para Henri Meschonnic (2010), marcadas por supressões, omissões, acréscimos e deslocamentos.

*Veio a tarde, veio a noite
E o mundo não terminou.
Foi só então que o sujeito
Viu a gelada em que entrou:
Sem mulher, sem casa e emprego,
Da zonzeira se curou
E caiu na realidade
Vendo que o mundo, em verdade,
Só pra ele é que acabou. (SIQUEIRA, 2012, p.75)*

Essas incapacidades classificatórias são colocadas em crise em outros momentos por um viés, de certo modo, metafísico⁵, aquele que para Mefisto nunca será enquadrado e adequado à humanidade, especialmente ao ser estabelecida uma ponte em direção ao sobrenatural, uma oportunidade de se tomar conhecimento sobre mentalidades assentando seu labor diário da vida sobre imaginários, para boa parte das ciências ocidentais míopes.

O imaginário ou simbólico atravessa todas as atividades da vida humana, podendo ser problematizado por uma polissemia de temáticas. No limiar do sonho com a ciência ou relativizando a realidade, sujeitos sociais obedecem, com frequência, a motivações de natureza “obscura” ou “inexplicável” de uma segunda realidade superando as limitações impostas pelo

⁵Lugar onde se fabrica o acaso. Alquimia do pensamento e da experimentação para Clément Rosset, na obra *A Lógica do Pior*.

mundo natural, um inconformismo da humanidade diante de questões físicas e espirituais.

Mircea Eliade (1972), em um dos clássicos para os estudos do imaginário, aponta para a existência de sociedades comumente chamadas “arcaicas” residindo em encruzilhadas ou pontos de interseção de verticalismos, nos quais, animais, plantas e objetos cósmicos recebem um domínio mágico-sígnico.

Atento às pajelanças das Amazônias, como o ato de rezar, benzer e invocar entidades e deuses, os versos sacânicos acionam elementos do catolicismo popular e das crenças afroindígenas⁶ com o propósito de explicar, pelos “santos remédios”, o equilíbrio físico, material ou espiritual - “quebranto” ou “mal olhado” - das pessoas que buscam a cura por essas práticas.

⁶O termo foi cunhado pelo professor Agenor Pacheco Sarraf.

*No Estado do Grão Pará,
no fim de dois mil e três,
ocorreu um caso estranho
que agora conto a vocês:
A história de um certo anão
presepeiro e garanhão
feito um galinho pedrêz.
Toda a história começou
quando, num certo momento,
o nanico apareceu.
Com a força do pensamento
as mulheres mundiava
e com elas copulava
sem qualquer constrangimento...
A mulherada afirmava
que o tal era irresistível,
conquistador labioso,
encantador, milagroso
de talento indiscutível.
A verdade é que o baixinho
não dispensava ninguém:
de Mosqueiro a Marituba,
de Castanhal a Belém,
vestiu saia e falou fino
com seu instinto malino
armava e se dava bem.
Não se sabe exatamente
na cama o que se passava
pois, segundo as próprias vítimas,
ele as hipnotizava
e então passava-as no peito
e depois de satisfeito*

*normalmente as liberava.
Gostava de dar presentes,
tudo coisa de primeira:
pra Lila deu um cordão,
pra Mundica, uma pulseira,
pra Maroca, uma lingüiça
comprida, grossa e roliça,
pra Neca uma macaxeira.
Só media um metro e trinta
do dedão do pé à venda
mas botava no chinelo
machão de um metro e noventa
com o simples argumento:
– Tamanho não é documento,
o que vale é a ferramenta!
Se seu corpo era pequeno,
grande era a sua “intenção”:
mais de sete polegadas,
segundo a declaração
de uma vítima inocente
que tropeçou, de repente,
na lábia do gostosão.
Muita gente afiançava
que o misterioso anão
devia ser habitante
da terceira dimensão:
um duende das cavernas
que carregava entre as pernas
uma vara e condão.
Com tal vara ele faria
coisas que o Diabo tem medo!
Para as mulheres, no entanto,
dizia ser um brinquedo...
Uma cigana afirmava
que a tal vara é que guardava
sua mandinga e segredo.
Mulher alguma fugia
da vara amaldiçoada:
branca, morena, amarela,
solteira, noiva ou casada
que ousasse cruzar seus passos
caía louca em seus braços
totalmente mundiada.
Disse uma velha que o viu
descer de um disco-voador,
que tinha um olho e três pernas,
cada uma de uma cor,
sendo que a do meio tinha
um furo e onde provinha*

*um gás paralisador.
Mas a vítima, no entanto,
nele não via malícia.
Entrava em transe e gozava
de momentos de delícia.
Após dar com os burros n'água,
contava, cheia de mágoa,
seu triste drama à polícia.
Ele, às vezes, se fazia
de menor abandonado
e a pobre, desavisada,
com peninha do danado,
ao dar-lhe cama e comida
sem sentir era envolvida
na artimanha do malvado.
Segundo uma depoente,
uma amiga lhe falou
do tal anão milagroso
e ela então o procurou.
Mas ao ficarem sozinhos,
conforme afirmam vizinhos,
ele a hipnotizou.
Estando hipnotizada
na hora do "vamos ver",
diz não se lembrar de nada
e que só veio saber
o que tinha acontecido
em casa, quando o marido
foi cumprir o seu dever.
Chegou montar uma tenda
no centro de Castanhal
onde dava, às mais carentes,
ajuda espiritual.
Quem nele botava fé,
findava qual picolé
que sempre acaba no pau.
Denunciado, foi preso
e levado pra prisão
onde, segundo as más línguas,
cometeu nova infração:
numa baita vacilada
seduziu a delegada
e a soldada de plantão.
Chegou a ser indiciado
por fazer sexo anal
com mulher honesta e séria
fora a conjunção carnal.
Ele jurava que não:
- Só faço sexo anão,*

*declarou para um jornal.
Houve alguém que até pensou
contratar o charlatão
para dar aulas de estupro,
cursos de fornicção...
Tudo legal, tudo lícito,
sessão de sexo explícito
sob a sua direção.
Até hoje ninguém sabe
quem é, de fato, esse anão:
um duende, um alienígena,
um mensageiro do Cão?
seja lá ele o que for,
eu deixo a cada leitor
sua própria conclusão. (SIQUEIRA, 2012, p.69-71)*

Há o desenho do que o antropólogo e não menos filósofo Viveiros de Castro chama de antropologia simétrica, aquela que coloca em relação, sem anulações, perspectivas do conhecimento clássico ocidental com os saberes ameríndios.

Sátiras zoomórficas são aderidas à escritura demoníaca do poeta paraense, fazendo de patos, sapos e botos, homens-bichos abertos a leituras aquém das razões duais. “Botos” “flecham” ribeirinhas, enquanto um universo significativo de “patos” são vilões-vítimas das misérias sociais, vivendo “com a corda no pescoço”:

*São três meninos
e um só destino:
filhos de um boto
muito maroto
do Marajó.
As mães: Filó,
Neca e Zizinha,
três ribeirinhas
sonsas e belas.
Segundo elas,
foram “flechadas”
e engravidadas
pelo malvado
que transformado
num belo moço
em carne e osso
as seduziu.
Neca nos conta
sua desventura:
séria, ela jura,
que um certo dia,*

*sem companhia,
de blusa e saia
foi para a praia
tarrafiar.
Mas ao lançar
n'água a tarrafa,
sente uma estafa
lhe dominar...
E, então, do mar,
nesse momento,
um elemento
de terno branco
com gesto franco
se aproximou
e a segurou
pela cintura.
A criatura
beijou-lhe a boca
e em ânsia louca
a possuiu.
Depois sumiu
sem um suspiro
feito um vampiro
na maresia.
Um belo dia,
vai a Zizinha
quase à noitinha
tomar um banho
nua no rio
quando algo estranho
então sentiu:
um troço quente
roçou-lhe a pente
e a sensação
foi de um arpão
comprido e duro
porém, no escuro,
não deu pra ver.
Ao perceber
que era o safado
já tinha dado
com os burros n'água.
Hoje, sem mágoa,
cria um menino
forte e ladino
que nem o pai.
O tempo passa
feito fumaça.
Meses mais tarde,*

*Filó, a mais moça,
foi lavar louça
no igarapé.
Quando deu fé,
o tal rapaz,
muito sagaz,
aproximou-se
como se fosse
feito de luz.
Nisso introduz
com engenho e arte
em suas "partes"
algo que ela,
moça donzela,
desconhecia...
E as três irmãs,
belas cunhas,
seguem seus trilhos
criando os filhos
do tucuxi.
Mas por aqui
há muita gente
que francamente
na tal história
não acredita.
E o que suscita
desconfiança
é a semelhança
dos três garotos
"filhos do boto"
com os rebentos
do Mané Bento,
um ambulante
comerciante
da região
mais conhecido
pelo apelido
de "Ricardão". (SIQUEIRA, 2012, p.32-35)*

Ambígua e/ou simplesmente dialética, a escritura mefistofélica reverte sinais e papéis, como no poema protagonizado por Dico Tralhoto, "um cabra macho de Afuá", aparentemente ingênuo, solitário e indefeso diante das "divindades". Ao resolver, astuciosamente, compactuar com as forças demoníacas "aliviando" suas "dores" físicas e psicológicas, "entrega" parcialmente seu corpo-alma a Mefisto.

*“Agosto, mês do desgosto”,
afirma um velho ditado.
Mês de tragédias, suicídios,
enrabações, atentados...
Mês em que Deus, Pai-Eterno,
abre a porteira do Inferno
e os demos são libertados.
Em vinte e quatro de Agosto
do ano mil e trá-lá-lá,
ocorreu um caso estranho
para as bandas de Afuá
entre uma estranha mulher
e um cabra macho de lá.
Dico Tralhoto morava
sozinho num barracão
perdido dentro da mata
em completa solidão.
Sem ter um rabo-de-saia
pra aliviar a tesão
ele sofria de insônia
e, de tanto bater bronha,
já tinha calos na mão.
Certa noite, já cansado
de “engasgar a Julieta”,
abriu a boca e gritou
que queria uma buceta
nem que fosse de visagem
ou da mulher do Capeta.
Mal acabou de falar,
toda a casa estremeceu
e uma formosa mulher
junto dele apareceu
completamente pelada
que, sacudindo a rabada,
lhe disse: – Aqui estou eu!
Venho do reino das trevas
atender o teu chamado.
Agora, ou trepas comigo
ou estarás condenado
a terminar os teus dias
numa zagaia espetado.
Dico Tralhoto não era
de fugir de assombração.
Saltou nu sobre a capeta
e os dois rolaram no chão.
Quando, enfim, cravou-lhe o ferro,
ela deu tamanho berro
que estremeceu o barracão!
A Diaba começou*

*a botar fogo do ouvido,
dos olhos, nariz e boca
fazendo um grande alarido
procurando amedrontar
o enrabador atrevido.
O cabra crava-lhe a pomba
sem ligar para a ameaça,
fita os olhos da Tinhosa
e diz, em tom de pirraça:
– Podes virar um vulcão,
sabrecar minha carcaça
que eu garanto, sem lorota:
do buraco da xoxota
não soltarás nem fumaça!
A Diaba deu um berro
e em fumaça se virou,
um forte cheiro de enxofre
pela casa se espalhou
enquanto o pobre caboclo
sozinho outra vez ficou
curtindo um grande desgosto
pois desde esse mês de Agosto
seu pau não mais levantou. (SIQUEIRA, 2012, p.42-43)*

Nessa escritura-lodo, especialmente em suas cenas de proporções bizarras, ridículas, “depravadas” e desmedidas, há um escritor à deriva mergulhado em um oceano de incertezas, um exercício de liberdade para Sarduy (1988). Sua escritura de contágios contém outra, comentando-a, “carnavalizando-a”, duplo pintalgado na página enxertada de diferentes texturas e de múltiplos estratos linguísticos (SARDUY, 1988).

Sem centro, essa escritura hermafrodita, de formato irregular, é projetada como eclipse, descentrando e perturbando supostas harmonias para o mundo e para a linguagem, sem, no entanto, experimentar momentos folclóricos e redutores, pois desenha múltiplas “cores”, “sons” e “brilhos”.

Não parando de fazer dobras, rumo talvez ao infinito, os versos sacânicos e sua linguagem “peçonhenta” se instalam também nos terrenos movediços das imagens, uma “transa” de escrituras servindo de alimento e, em certas situações, roubando o volume e a massa do colorido barroco de outrora.

Emprestar outros corpos para o humor, antes de ser uma ação corajosa, pode, a meu ver, desfigurar esse mosaico oral-móvel para corpos sem vida, o espaço nulodimensional de Baitello (2005, p.107): “Quanto mais inflarmos as imagens, mais estaremos contribuindo para que o outro não nos veja mais, para que ele se torne cego ou insensível”.

⁷Periódico anárquico paraense nascido em pleno regime militar.

A intensificação de contágio semiótico dos versos sacânicos, em busca talvez de um alargamento memorial, hiperinflacionou o simbolismo dessa escritura, resultando, sobretudo para o próprio escritor, em “uma perda de qualidade se comparada às publicações no PQP⁷”. Antonio Juraci Siqueira delegou a terceiros a tarefa de ilustrar, por meio de imagens, seus versos sacânicos, por não “ter a habilidade suficiente para manipular as mídias digitais”, ocasionando transcrições certamente bem diferentes do seu compromisso “de desenhar uma Amazônia menos folclórica” (SIQUEIRA, 2012).

Quando Lotman (2000, p.183) descreve a cultura “*como um sector, um domínio cerrado sobre el fonfo de la no-cultura*”, até porque “*siempre la cultura necesitará de tal oposición*”, existe uma grande possibilidade de explicação para o esquecimento que, até há pouco tempo, os versos sacânicos experimentaram, desejo talvez de Antonio Juraci Siqueira em reproduzir obras infantis dedicadas as “tradições da cultura paraense”, bem “mais fáceis de serem aceitas pelo público e subsidiadas para publicação” (SIQUEIRA, 2012).

A “sacanagem”, para o poeta paraense, estaria relegada aos circuitos culturais mais restritos, pois, como já disse Millôr Fernandes, o humorista é o último dos homens, um ser à parte; não eleito para a academia; não planta; não colhe; não estabelece regras de conceito ou de comportamento, porém esse novo-velho texto da cultura surpreendentemente ignora os limites sociais estabelecidos para o riso.

⁸Metáfora provocativa usada pelo poeta cubano José Lezama Lima para descrever o devir latino-americano.

Uma escritura mefistofélica ou essa grande lepra barroca⁸ acometendo as produções humorísticas dos escritores latino-americanos são invólucros sucessivos de uma escritura por outra, acúmulo permanente de diferentes nódulos de significação permutáveis transbordando significações.

As superabundâncias e os “desperdícios”, resultados das curiosidades fáusticas de Antonio Juraci Siqueira, apontam para uma arte repetitiva e irregular, destituída de uma escritura fundadora, uma origem jamais podendo ser representada, “reflexo necessariamente pulverizado de um saber que sabe que já não está ‘aprazivelmente’ fechado sobre si mesmo. Arte do destronamento e da discussão” (SARDUY, 1979, p.178).

REFERÊNCIAS

- BAITELLO, Norval Júnior. **A era da iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- LOTMAN, Iuri M. **La Semiosfera III**. Tradução de Desiderio Navarro. Madrid. Frénesis Cátedra/ Universidade de Valência, 2000.

PINHEIRO, Amálio (Org.). **O meio é a mestiçagem**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Fausto no Horizonte**. São Paulo; EDUC HUCITEC, 1995.

SARDUY, Severo. **O barroco e o neobarroco**. In: FERNÁNDEZ MORENO, César (ed.). América Latina em sua literatura. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva/Unesco, 1979.

_____. Barroco. Tradução de Maria de Lurdes Júdice e José Manuel de Vasconcelos. Lisboa: Veja. 1988.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. **“Os novos versos sacânicos”**. Belém – Pará. [s.n]. 2012.

SOBRE O AUTOR

Doutorando (Bolsista CAPES modalidade II) em Comunicação e Semiótica. Linha de pesquisa: cultura e ambientes midiáticos (PUC/SP). Docente da FECAMPO/Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

Recebido: 03.03.2015.

Aprovado: 05.03.2015.